

Considerações sobre interdisciplinaridade a partir de depoimentos de participantes da equipe de nutrição do projeto de extensão universitária “Bandeira Científica”

Considerations on interdisciplinarity based on reports of the nutrition team within the “Bandeira Científica” university extension project

Jaqueline Lopes Pereira¹
 Viviane Laudelino Vieira²
 Patrícia Constante Jaime³

¹ Nutricionista, Mestranda do Departamento de Nutrição da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo-USP, participante do Projeto Bandeira Científica. São Paulo, SP, Brasil.

² Nutricionista, Doutora em Nutrição em Saúde Pública, atua no Centro de Saúde Escola Geraldo de Paula Souza da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo. São Paulo, SP, Brasil.

³ Nutricionista, Professora Doutora da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo-USP. São Paulo, SP, Brasil.

Agência Financiadora: Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da Universidade de São Paulo

Correspondência / Correspondence
 Jaqueline Lopes Pereira
 E-mail: jaquelinelopes@usp.br

Resumo

O nutricionista deve ter formação generalista, humanista e crítica, mas a estrutura da graduação tende a formar profissionais com visão segmentada. Existem possibilidades que contribuem para mudar essa realidade, como a extensão universitária. Um exemplo é o Projeto de Extensão Universitária “Bandeira Científica”, da Universidade de São Paulo (PBC), que tem como proposta alinhar atividades educacionais, científicas e assistenciais, e possibilitar a prática da interdisciplinaridade. Tendo em vista que pessoas de um mesmo projeto apresentam distintas formações e expectativas, vivenciando aprendizados e experiências diferentes, este texto busca apresentar algumas considerações preliminares sobre interdisciplinaridade, a partir de depoimentos de participantes da equipe de Nutrição no PBC. Para isso, foi realizado um exercício exploratório e descritivo, a partir de depoimentos colhidos por meio de entrevistas. Foram observadas considerações sobre interdisciplinaridade entre os participantes, que refletem diferentes concepções e expectativas sobre o tema e ilustram dificuldades para colocá-lo em prática. No entanto, mesmo enfrentando obstáculos, projetos como o PBC são *loci* de experiências importantes para o desenvolvimento da prática interdisciplinar ainda na graduação.

Palavras-chave: Educação Superior. Nutricionista. Comunicação Interdisciplinar. Educação em Saúde. Formação de Recursos Humanos. Medicina Comunitária.

Abstract

The nutritionist must have generalist, humanist and critical formation, however, the structure of graduation tends to induce professionals to have a segmented view. There are possibilities that contribute to change this reality, as the university extension. An example is “Bandeira Científica”, a University Extension Project of the University of São Paulo (PBC) proposed to align educational, scientific and care activities and to enable the practice of interdisciplinarity. Assuming that participants of the same project have different backgrounds and expectations, distinct learning process and experiences, this paper aims to present preliminary considerations about interdisciplinarity from speeches of participants of the PBC Nutrition team. So an exploratory and descriptive exercise was conducted from speeches obtained through interviews. Considerations about interdisciplinarity among the participants were observed, reflecting different conceptions and expectations about this topic and showing the difficulties to put it into practice. Despite obstacles, projects such as PBC are loci of important experiences for the development of interdisciplinary practices still in undergraduation.

Key words: Education, Higher. Nutritionist. Interdisciplinary Communication. Health Education. Human Resources Formation. Community Medicine.

Introdução

As Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Nutrição preconizam um profissional com formação generalista, humanista e crítica, pautado em princípios éticos, com reflexão sobre a realidade econômica, política, social e cultural.¹ No entanto, ainda nos dias atuais, a formação na graduação apresenta características do currículo mínimo, criado nos anos 1960 pelo Conselho Federal de Educação (Lei nº 4.024/1961, art. 70, e Lei nº 5.540/1968, art. 26). Esse currículo tem sofrido severas críticas por ser demasiadamente teórico e inflexível, apresentar conteúdos desarticulados, fragmentados em disciplinas e com rigidez excessiva, não atender às exigências particulares de cada região, nem às necessidades sociais produzidas pelas desigualdades e peculiaridades brasileiras. Além disso, desconsidera a necessidade da aprendizagem ativa, na qual o aluno se torna agente da sua formação. Com esse modelo, a tendência é formar profissionais com uma visão segmentada, que não atuam como promotores da saúde de maneira integral.^{2,3}

O modelo curricular hegemônico na saúde atual, o Modelo Biomédico de Ensino, denominado por alguns autores, de maneira pejorativa, como flexneriano, enfatiza uma formação fortemente biológica, passiva, hospitalocêntrica, focada no indivíduo, baseada em aulas predominantemente teóricas e no acúmulo de conhecimentos especializados, ou seja, fragmentados, sustentados pela organização disciplinar dos currículos e pela separação entre ciclo básico e profissional.⁴⁻⁷ Entretanto, existem possibilidades emergentes que contribuem para a formação de novos profissionais, tal como a extensão universitária.

Definida como o processo educativo, cultural e científico que viabiliza a relação transformadora entre universidade e sociedade,⁸ a extensão universitária contribui para a formação do indivíduo-cidadão, que atuará em situações nem sempre previstas nos conteúdos dos cursos e que ultrapassam a necessidade de conhecimentos técnico-científicos, exigindo posições socialmente comprometidas.⁹ Por possuir um arsenal metodológico diferenciado, ser feita de encontros entre alunos, professores e comunidades e ter a possibilidade de, nesse encontro, incorporar outros saberes e ampliar a capacidade de reflexão, a extensão pode contribuir de maneira relevante para a mudança no processo de ensinar e aprender.¹⁰

No entanto, entre as três funções da universidade - ensino, pesquisa e extensão -, esta é a mais nova e a que carece de mais investigação. Existem poucos estudos sobre a prática dos projetos, seu dia a dia, sua influência no processo de formação dos discentes e sua contribuição para a consolidação de um campo de conhecimento específico e consequências dessas práticas acadêmicas.¹⁰ Além disso, ao longo de sua existência, a universidade tem dispensado tratamento diferenciado à extensão. Enquanto o ensino e a pesquisa têm sua importância reconhecida, muitas vezes não tem sido dado o devido reconhecimento à extensão, que ocupa espaços voltados para ações pontuais e com poucas verbas para sua realização.¹¹

Nesse complexo contexto, se encontra o Projeto de Extensão Universitária “Bandeira Científica” (PBC), da Universidade de São Paulo (USP). Quando foi criado, em 1957, na Faculdade de Medicina da USP (FMUSP), o principal foco do PBC era a pesquisa científica e a educação. Devido a problemas políticos que ocorriam no Brasil nessa época, o projeto precisou ser interrompido em 1969, sendo retomado apenas em 1998. Desde então, o PBC tem como proposta alinhar atividades educacionais, científicas e assistenciais, buscando colocá-las em prática de maneira indissociável. Composto por alunos e profissionais de diversas áreas do conhecimento, como Medicina, Fisioterapia, Nutrição, Odontologia e Engenharia, realiza expedições para cidades brasileiras de baixo IDH, com o objetivo de contribuir para a melhoria das condições de saúde local por meio de atividades educativas e assistenciais.¹²

Pelo fato de abranger tantas áreas diferentes com um objetivo comum, uma questão que se destaca é a interdisciplinaridade. Sua definição não é um consenso, pois não existe um sentido único e estável para esse termo. Segundo Erich Jantsch,¹³ “é uma interação existente entre duas

ou mais disciplinas, em que cada uma é modificada e passa a depender claramente da outra” (p. 108-109). Resulta em enriquecimento recíproco e na transformação de suas metodologias de pesquisa e conceitos.¹⁴ Também pode ser definida como o diálogo contínuo com outras formas de conhecimento, de maneira compartilhada e interativa, que facilita os enfrentamentos profissionais e a assistência humanizada e cidadã, a fim de contribuir para melhorar a compreensão da realidade.¹⁵ Segundo Meirelles & Erdmann,¹⁶ seu objetivo é a integração, é instaurar formas de totalidade, considerando o tempo, o espaço e o contexto (social, ético, político, econômico e outros), em um campo de saber múltiplo, pluralista, heterogêneo; reconhecendo a complexidade dos fenômenos, dialeticamente, com olhares diferenciados, resgatando uma unidade que foi perdida no decorrer da história (p. 411-18).

É certo que a interdisciplinaridade é um tema que se revela cada vez mais importante nos cuidados em saúde, dada sua complexidade,¹⁷ mas é um desafio colocá-la em prática, pois requer esforço para superar a fragmentação do conhecimento, sem deixar de reconhecer e respeitar as especificidades de cada área profissional.¹⁸ Deste modo, buscar proporcionar um ambiente que facilite o trabalho interdisciplinar ainda durante o período de graduação é uma proposta, embora complexa, de fundamental importância para a formação dos futuros profissionais.

Como, em um mesmo projeto, as pessoas têm distintas formações e expectativas, vivenciam aprendizados e experiências diferentes, este texto busca apresentar algumas considerações preliminares sobre interdisciplinaridade, a partir de depoimentos de participantes da equipe de Nutrição no Projeto de Extensão Universitária “Bandeira Científica”.

Metodologia

O presente trabalho corresponde a um exercício exploratório e descritivo realizado a partir de depoimentos colhidos por meio de entrevistas com ex-participantes da equipe de Nutrição do PBC, no período de agosto de 2010 a julho de 2011.

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 20 indivíduos, alguns presentes em mais de uma expedição, totalizando 31 participações no projeto. Destes, 14 eram de *bandeirantes* (alunos da graduação em Nutrição que planejavam e desenvolviam as ações); seis eram de *diretores* (alunos da graduação que desempenhavam, prioritariamente, funções de gestão do projeto); e 11 eram de *discutidores* (nutricionistas cujo papel era supervisionar as atividades desenvolvidas pelos alunos).

A entrevista é uma metodologia amplamente utilizada para a coleta de dados em pesquisas qualitativas. No entanto, sua utilização requer planejamento prévio e respeito a todas as exigências éticas e científicas. A entrevista semiestruturada é direcionada por um roteiro de questões abertas previamente elaboradas que permitem uma organização flexível e ampliação dos questionamentos à medida que as informações vão sendo fornecidas pelo entrevistado.¹⁹ A elaboração do roteiro

de entrevista foi embasada na vivência das autoras, na literatura sobre o tema e nas informações obtidas em pré-teste. As questões abordavam as expectativas do entrevistado com a expedição, suas vivências anteriores e a percepção da existência da interdisciplinaridade no PBC.

Os membros da equipe de Nutrição foram identificados por meio do registro oficial do PBC ou utilizando a técnica *bola de neve*, na qual a pessoa entrevistada indica outra para também participar da pesquisa.²⁰ É uma abordagem utilizada para a localização de informantes-chave. O processo se inicia com a seguinte pergunta: “Quem é que sabe muito a respeito de ___?” As pessoas recomendadas por um número de diferentes informantes são de especial importância.²¹ É a possibilidade de gerar amostras heterogêneas, sem que essa heterogeneidade seja controlada pelo pesquisador.²²

Todas as entrevistas foram gravadas, a fim de ampliar o poder de registro e captação de elementos de comunicação, como pausas de reflexão, dúvidas ou entonação da voz, preservar o conteúdo original e aumentar a acurácia dos dados coletados. Posteriormente, as entrevistas foram transcritas fidedignamente e codificadas, de forma a garantir o anonimato dos entrevistados. Fizeram-se então sucessivas leituras do material e seu ordenamento, permitindo a visualização de distintas perspectivas sobre a existência de interdisciplinaridade no projeto de extensão tomado para o presente estudo.

A proposta deste trabalho foi analisada e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (Protocolo de pesquisa nº 2.161).

Resultados e discussão

As entrevistadas, todas do sexo feminino, tinham de 20 a 28 anos em sua primeira expedição. Os profissionais que participam do projeto apresentam formação recente e a maioria mantém contato com o ambiente acadêmico.

Todas as entrevistadas mencionaram preocupação com questões sociais, como a pobreza e a falta de acesso das pessoas a recursos básicos para que vivam de maneira digna, sendo que 12 já participaram de outros projetos de extensão durante a graduação, como a Jornada Universitária da Saúde,*a Empresa Júnior de Nutrição**e Ligas Acadêmicas de Atendimento. Trabalhos sociais e voluntários realizados fora do ambiente acadêmico foram citados por 11 componentes.

Quando questionadas sobre as razões que as levaram a participar do projeto, citaram a possibilidade de colocar os conhecimentos aprendidos em sala de aula em prática e de aprender

* www.nutrijr.com.br

** www.jornadauniversitariasauade.wordpress.com

novos temas; a vontade de realizar um trabalho que beneficie a comunidade; e o interesse em conhecer diferentes realidades, trocar experiências com outras pessoas e desenvolver o trabalho em equipe. A interdisciplinaridade se destacou como uma das principais motivações para participar do projeto, tal como explica N5:

N5: Ah, eu gostava muito da ideia, assim, principalmente da atuação interdisciplinar, tal, o pessoal interagindo bastante e de conhecer outras realidades, né, assim, totalmente diferente dos atendimentos que a gente vê até na faculdade, aquele modelinho...

Em muitos campos de atuação do nutricionista ou de outros profissionais da área da saúde, o trabalho interdisciplinar é vital para sua atuação, como, por exemplo, os Núcleos de Apoio à Saúde da Família (NASFs), que visam construir redes de atenção, contribuindo para que seja alcançada a integralidade do cuidado aos usuários do SUS.²³

É importante que os profissionais da área da saúde percebam que esta se relaciona com diferentes dimensões, tanto biológicas como sociais, relativas ao indivíduo e à comunidade, sob influências políticas, econômicas e culturais.²⁴ Portanto, se não houver oportunidade de vivenciar o trabalho interdisciplinar durante a graduação, existirá uma lacuna em sua formação que, em algum momento, precisará ser preenchida.

Com o início da participação de outros cursos além da Medicina no projeto, a partir de 2002, as interações entre as equipes começaram a se desenvolver de maneira que, a cada ano, aumentam as possibilidades de aprendizado sobre o trabalho interdisciplinar. Na prática, entretanto, não é um objetivo simples de se concretizar e seu conceito ainda não é claro para todos os participantes, tanto que os depoimentos dos entrevistados mostraram divergência de opiniões quanto à existência da interdisciplinaridade no projeto.

O trecho de N10 exemplifica uma opinião de ausência de interdisciplinaridade no PBC:

N10: Não, porque... é... assim, dessas atividades que no caso dos Agentes Comunitários da Saúde, algumas foram fisio, nutri e med. Eles se encontraram, mas cada um dividiu o que poderia focar, e na apresentação, cada um fez a sua. Na apresentação, a nutri fala um pouco, a fisio fala um pouco, a med fala um pouco, mas não teve aquela ação integrada. E, nos atendimentos [...] não sei, acho que é um pouco também dos alunos procurarem pra fazerem esse atendimento junto. Alguns procuram ficar junto, pra tentar discutir o caso, mas é muito raro. Comigo não aconteceu nenhuma vez. Então, eu acho que não ocorreu essa interdisciplinaridade.

Ao indicar a inexistência da interdisciplinaridade no projeto, os entrevistados podem ter sentido falta de certas atitudes nas equipes das quais fizeram parte, pois interdisciplinaridade também

consiste em assumir atitude diferente diante do problema do conhecimento, ou seja, substituindo uma concepção fragmentária por outra unitária do ser humano.²⁵ Assim, para muitos, praticar a interdisciplinaridade pode ser um grande desafio, de acordo não apenas com as condições em que foram formados, mas também com suas concepções previamente desenvolvidas - sua história, personalidade, valores, sensibilidade à complexidade, capacidade para buscar mecanismos comuns a diferentes campos do saber, atenção a estruturas profundas capazes de articular aquilo que aparentemente não é articulável, atitude de curiosidade e de abertura, gosto pela colaboração e pelo trabalho em comum e coragem para abandonar o campo específico de saber para se aventurar em outros campos epistêmicos.²⁶

Outros entrevistados, entretanto, demonstram ideias distintas das anteriores:

N18: Então, eu acho que isso foi o que mais me surpreendeu como coisa boa [...] eu não pensava muito como seria essa interdisciplinaridade, se ela acontecia, como acontecia, e aí, quando eu comecei a... a participar efetivamente lá do projeto, eu percebi que tem muita interação entre as áreas, a gente aprende o que as outras áreas fazem.

N17: Teve. Muita! Teve muita, sim. Por exemplo, a gente discutia caso [...] teve a horta, né, que a gente trabalhou junto com a Esalq [Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”-USP], teve a atividade com a odonto...

O discurso de N20 ilustra um exemplo vivenciado por ela:

Teve... um dia que tava mais tranquilo e uma garotinha que já não tava comendo, andava com as perninhas, assim, um andar meio tortinho, e... da nutrição, foi encaminhada pra psicologia, e aí, eles falaram: ‘olha, se vocês quiserem participar da discussão do caso, né, seria bem interessante.’ A gente foi e a menina contou os motivos dela pra psicóloga, ou pra estudante de psicologia... Ela não tinha nenhuma deficiência, mas aí ficou com a perna tortinha pra andar, parou de comer, parou de falar, e aí, foi, assim, bem interessante pra gente perceber como que um problema psicológico, por exemplo, pode influenciar na alimentação da pessoa, né? Pra estudantes de nutrição é, superlúdico ver ali o caso acontecendo na hora.

É perceptível a satisfação das pessoas que afirmam ter vivenciado a interdisciplinaridade durante o projeto. É relevante refletir, porém, sobre a carência de espaços universitários que ofereçam essa oportunidade aos alunos. Existem iniciativas, como o PET-Saúde,²⁷ que tentam suprir tal limitação, proporcionando a vivência de alunos de diversos cursos da área da saúde no Brasil em unidades de saúde, mas ainda é necessário espaço para experiências como essas.

Outros entrevistados acreditam que a interdisciplinaridade ocorreu parcialmente, de acordo com o depoimento de N12:

N12: Em partes. Não pelo projeto, mas pelos participantes. Alguns ainda tinham certa resistência em saber o que era a interdisciplinaridade, ou querer colocar em prática. Alguns tinham bem claro isso na cabeça e... antes desse paciente chegar, já havia um conversa entre o pessoal ou depois eles queriam saber o que a gente passou pra esse paciente, o que foi conversado, então, é, para algumas pessoas, é... essa coisa de interdisciplinaridade tava muito bem esclarecida, então, para eles, realmente aconteceu. Pra outros, nem tanto, até eles davam as orientações nutricionais eles mesmos, enfim, mas eu acho o projeto, ele caminha muito pra isso.

No depoimento destacam-se duas questões complexas: a diferença de atitudes entre as pessoas de uma mesma equipe que, idealmente, têm os mesmos objetivos, e a sobreposição de assuntos específicos de determinada área profissional. É importante perceber que a interdisciplinaridade está associada ao desenvolvimento de certos traços da personalidade, tais como: flexibilidade, confiança, paciência, intuição, capacidade de adaptação, sensibilidade em relação às demais pessoas, aceitação de riscos, aprender a agir na diversidade e aceitar novos papéis.²⁵ Pode ser mais fácil ou mais difícil atuar de forma interdisciplinar, de acordo com o perfil de cada um, sua formação, história, disposições, hábitos, conceitos, produção de racionalidades, de práticas, de ideologias e de estilos de pensamento, contextos sociais, culturais e econômicos e as mediações entre a macroestrutura social e o plano individual.

Além disso, a interdisciplinaridade requer que os profissionais das diferentes áreas conheçam, respeitem e valorizem o trabalho dos demais. Assim, poderão criar um conjunto de ações cujos conteúdos e objetivos sejam do conhecimento de todos os envolvidos. Um dos aspectos centrais na configuração dessa forma de atuação é conhecer o trabalho das outras áreas que compõem a equipe, e isso apenas se torna possível com a convivência, o relacionamento e a troca de informações.²⁸ A atuação interdisciplinar é um desafio para projetos universitários como o PBC e pode ser dificultada pela característica de planejamento do projeto, que não se dá integralmente de forma compartilhada e pelo tempo de trabalho com a equipe completa durante a expedição, que é de cerca de dez dias. Além disso, pelo fato de o projeto não ter sido criado com uma proposta interdisciplinar, ainda há dificuldade para integrar a participação das outras áreas além da medicina, o que gera tensões quanto à incorporação dessa perspectiva. Muitas pessoas entram em contato umas com as outras já na expedição e têm que se adaptar em um curto período de tempo, como cita N16 em sua fala:

N16: Acho que no começo é um pouco difícil, assim, é... sempre... a impressão que eu tenho é que toda expedição tende a ter isso [dificuldade de trabalhar de maneira interdisciplinar] um pouquinho no começo, mas depois, mais pro meio, pro final, tende a melhorar.

O curto tempo da expedição, realizada em dez dias, é um fator que pode dificultar a existência de práticas interdisciplinares. A convivência do dia a dia ajuda a reduzir as barreiras de comunicação e facilita a troca de experiências entre as diferentes áreas do conhecimento. Tendo reconhecimento dessa dificuldade, buscaram-se criar oportunidades de convivência e trabalho em conjunto antes da expedição propriamente dita. No ano de 2010, foram criadas *as reuniões interdisciplinares*, espaço em que bandeirantes, diretores e discutidores são convidados a refletir sobre o tema e a discuti-lo, assim como construí-lo no projeto, propondo planejamento interdisciplinar para que a execução também ocorra dessa forma. Por meio desses encontros, seria possível amenizar a dificuldade descrita por N19:

N19: [...] é mesmo a falta de experiência, de você não conhecer os profissionais, de não ter essa facilidade de conversar no dia a dia mesmo, já não tem o conhecimento prévio da pessoa. Como era a minha primeira vez, eu não conhecia os médicos que tavam lá, não conhecia os alunos, então, se você já não tem uma facilidade pra lidar com as pessoas logo de cara e já discutir um caso, isso já acaba atrapalhando um pouco.

Assim como observado no depoimento anterior, citaram-se como dificuldades para colocar a interdisciplinaridade em prática os problemas de convivência e de comunicação entre as pessoas, o tipo de tarefa desempenhada, a falta de experiência dos alunos que participam pela primeira vez do projeto e o pouco tempo de convívio da equipe, como também descreve N2.

N2: Eu acho que houve, porque interdisciplinaridade, quando a gente ouve falar, parece que é aquela coisa linda, mágica, de todo mundo se relacionando muito bem e... conseguindo atuar cada profissional em conjunto com outro, e eu acho que, na prática, isso não é assim que isso acontece. Então, nós tentamos atingir a interdisciplinaridade... Eu acho que essa é a grande lição pra todo mundo e eu espero que todo mundo veja que isso é difícil, né? Não se dê por satisfeito só de fazer um encaminhamento pra outra área e achar que isso é interdisciplinaridade, Mas eu acho que mesmo quando tem os atritos, os conflitos de conduta, acho que tudo isso é um exercício pra se buscar interdisciplinaridade...

Gomes²⁹ afirma que ultrapassar o âmbito individual e clínico exige mudanças na maneira de atuar e na própria organização do trabalho, e demanda alta complexidade de saberes. Cada profissional precisa desempenhar sua profissão em um processo coletivo, cujo resultado deve ser consequência de um trabalho que é realizado de forma completa, a partir da contribuição específica das diversas áreas profissionais ou de conhecimento.³⁰

É possível observar, nos diferentes depoimentos, opiniões resultantes de várias experiências e (re)ações frente a elas, além dos diferentes conceitos ainda presentes. Alguns entrevistados apresentaram visão mais simplificada, mais próxima do conceito de multidisciplinaridade,¹³ como N3:

N3: É uma coisa que me atrai no Bandeira, de ter pessoas de várias áreas do conhecimento, que é o que eu mais gosto nessas experiências assim, como as diferentes áreas olham diferente uma mesma coisa, né? Eu acho isso muito legal.

Portanto, outro fator que pode ser de grande relevância para dificultar a execução do trabalho interdisciplinar é a própria compreensão do que ele significa, pois muitos ainda o entendem como apenas encaminhar corretamente ou, simplesmente, discutir um caso.

Segundo o epistemólogo suíço Jean Piaget,³¹ a multidisciplinaridade é caracterizada pela interação que ocorre quando a solução de um dado problema requer a colaboração mútua de duas ou mais ciências, ou setores do conhecimento, sem que para isso as disciplinas contribuintes sejam modificadas ou enriquecidas. Não se trata, portanto, de interações propriamente ditas, mas da aquisição de um nível de informação mútua e cumulativa. Já a interdisciplinaridade é um nível de colaboração entre disciplinas diversas, ou entre setores heterogêneos de uma mesma ciência, que conduz a interações propriamente ditas, isto é, certa reciprocidade dentro das trocas, de maneira que aí haja total enriquecimento mútuo. É uma forma de produção de conhecimento que implica trocas teóricas e metodológicas, geração de novos conceitos e metodologias, e graus crescentes de intersubjetividade, visando atender a natureza múltipla de fenômenos com maior complexidade.³²

A opinião de N4, assim como trechos de outras citadas anteriormente, reflete as diferenças interpessoais e suas consequências na realização do projeto:

N4: Acho que poderia ter tido até uma interação maior, mas eu não posso negar que houve interdisciplinaridade. É que foi meio individual, dependendo do aluno, dependendo do discutidor que tinha, de ter mais esse tipo de interação com as outras áreas.

É possível observar que agir de maneira interdisciplinar ainda depende muito das atitudes de cada um frente às situações que ocorrem no dia a dia de suas profissões. Muitos dos discutidores, que supervisionam e auxiliam o trabalho dos alunos, não vivem essa realidade e não têm essa visão, dificultando que os estudantes vivam o trabalho interdisciplinar. Portanto, é um desafio transformar uma realidade quando muitos dos transmissores do conhecimento, que são exemplos para aqueles que estão começando a construir seu perfil profissional, continuam com uma postura baseada no modelo biomédico.

Considerações finais

As distintas percepções dos participantes da equipe de Nutrição sobre a interdisciplinaridade no PBC demonstram as diferentes concepções e expectativas sobre o tema e as dificuldades de colocá-lo em prática. É certo que o problema não reside apenas na graduação. Há diversas questões que influenciam (e, ao mesmo tempo, são influenciadas) as práticas que se dão no interior dos processos de trabalho, sendo a formação uma delas.

Mesmo com tantos obstáculos a serem enfrentados, projetos de extensão universitária, como o Bandeira Científica, são *loci* de experiências importantes para o desenvolvimento de uma prática interdisciplinar ainda no período de graduação. A possibilidade de vivenciar o trabalho em equipe multiprofissional e a interdisciplinaridade capacita estudantes para a mudança no modelo atualmente predominante de assistência à saúde nas diferentes áreas em que poderão atuar, pensando a realidade em movimento, com sua multiplicidade e complexidade.

Referências

1. BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CES N. 5, de 2001. Diretrizes Nacionais do Curso de Nutrição. Brasília, DF; 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/Nutr.pdf>
2. Maranhão EA. A construção coletiva das diretrizes curriculares nacionais dos cursos de graduação da saúde: uma contribuição para o Sistema Único de Saúde. In: Almeida M, organizador. Diretrizes curriculares nacionais para os cursos universitários da área da saúde. Londrina: Rede Unida; 2003.
3. Kopruszynski CP, Vechia A. A prática pedagógica dos nutricionistas que atuam na docência: desafios e perspectivas de mudanças. Quaestio. maio 2011;13:81-97.
4. Pagliosa FL, Da Ros MA. O Relatório Flexner: para o bem e para o mal. Rev Bras Educ Méd. 2008;32:492-9.
5. Almeida Filho N. Reconhecer Flexner: inquérito sobre produção de mitos na educação médica no Brasil contemporâneo. Cad. Saúde Pública. 2010;26(12):2234-49.
6. Soares NT, Aguiar AC. Diretrizes curriculares nacionais para os cursos de nutrição: avanços, lacunas, ambiguidades e perspectivas. Rev Nutr. 2010;23(5):895-905.
7. Rosa IM. Educação popular, integralidade e formação em enfermagem no cenário da extensão universitária [dissertação]. Porto Alegre: Escola de Enfermagem, Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 2011. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/31958>
8. BRASIL. Ministério da Educação. Programa de Extensão Universitária - ROEXT. Brasília, DF; 2003. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12241&Itemid=487

9. Arroyo DMP, Rocha MSPML. Meta-avaliação de uma extensão universitária: estudo de caso. Avaliação (Campinas) jul. 2010;15(2):131-57.
10. Castro LMC. A Universidade, a extensão universitária e a produção de conhecimentos emancipadores: ainda existem utopias realistas [tese]. Rio de Janeiro: Instituto de Medicina Social. Universidade do Estado do Rio de Janeiro; 2004.
11. Monte AF. Reflexões sobre extensão e universidade no contexto atual. 2005 [trabalho de conclusão de curso]. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará; 2005.
12. Projeto Bandeira Científica da Universidade de São Paulo (USP). Disponível em: <<http://www.bandeiracientifica.com.br/>>
13. Jantsch E. Vers l'interdisciplinarité et la transdisciplinarité dans l'enseignement et l'innovation. In: APOSTEL, L. et al. L'interdisciplinarité: problèmes d'enseignement et de recherche dans les universités. Paris: Ceri; OCDE; 1972. p. 108-9.
14. Fazenda ICA. Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia? 4. ed. São Paulo: Loyola; 1996.
15. Meirelles BHS. Viver saudável em tempos de AIDS: a complexidade e a interdisciplinaridade no contexto de prevenção da infecção pelo HIV [tese]. Florianópolis: Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina; 2003.
16. Meirelles BHS, Erdmann AL. A interdisciplinaridade como construção do conhecimento em saúde e enfermagem. Texto & contexto enferm. set 2005;14(3):411-8.
17. Almeida M, Maranhão E. Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos universitários da área da Saúde. Londrina: Rede UNIDA; 2003.
18. Gomes DCR, organizador. Equipe de saúde: o desafio da integração. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia; 1997.
19. Belei RA, Gimenez-Paschoal SR, Nascimento EM, Matsumoto PHVR. O uso de entrevista, observação e videogravação em pesquisa qualitativa. Cadernos de Educação | FaE/PPGE/UFPel | 2008;30:187-199.
20. Biernacki P, Waldford D. Snowball sampling: problems and techniques of chain referral sampling. Sociol Methods Res. 1981;2:141-63.
21. Santos SR. Métodos qualitativos e quantitativos na pesquisa biomédica. J Pediatr. 1999;75(6):401-6.
22. Nicolaci-da-Costa AM. O campo da pesquisa qualitativa e o Método de Explicitação do Discurso Subjacente (MEDS). Psicol reflex crit. 2007;20(1):65-73.
23. Nascimento DDG, Oliveira MAC. Reflexões sobre as competências profissionais para o processo de trabalho nos Núcleos de Apoio à Saúde da Família. Mundo saúde. 2010;34(1):92-6.
24. Gomes R, Deslandes SF. Interdisciplinaridade na saúde pública: um campo em construção. Rev Latinoam enferm. 1994;2(2):103-14.
25. Vilela EM, Mendes IJM. Interdisciplinaridade e saúde: estudo bibliográfico. Rev Latinoam enferm. 2003;11(4):525-31.

26. Oliveira MAC. A interdisciplinaridade no ensino e na pesquisa em Enfermagem. Rev esc enferm USP. 2012;46(2):1-2.
27. Haddad AE, et al. Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde – PET-SAÚDE. Cadernos ABEM. 2009; 5:6-12.
28. Peduzzi M. Equipe multiprofissional de saúde: a interface entre trabalho e interação [tese]. Campinas: Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas; 1998.
29. Gomes DCR, organizador. Equipe de saúde: o desafio da integração. Uberlândia: Editora da Universidade Federal de Uberlândia; 1997.
30. Silva IZQJ, Trad LAB. O trabalho em equipe no PSF: investigando a articulação técnica e a interação entre os profissionais. Interface comun saúde educ. 2005;9(16):25-38.
31. Piaget J. L'épistémologie des relations interdisciplinaires. In: Apostel L. et al. L'interdisciplinarité : problèmes d'enseignement et de recherche dans les universités. Paris: Ceri; OCDE; 1972, p. 131-44.
32. Campanha Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Brasil). Interdisciplinaridade como desafio para o avanço da ciência e tecnologia. In: Philippi Junior A, et al. (Orgs.). Coordenação de área intedisciplinar: catálogo de programas de pós graduação – mestrado e doutorado [CD-ROM]. Brasília: CAInter;Capes; 2008. p. 2.

Recebido: 09/8/2012

Revisado: 22/1/2013

Aprovado: 10/3/2013

